2 Narrativa, Literatura e Autobiografia: problemas, definições e intersecções

Toda a literatura consiste num esforço para tornar a vida real.

Fernando Pessoa

Em *O demônio da teoria: literatura e senso comum*, Antoine Compagnon afirma que na base de todo estudo literário encontram-se necessariamente algumas noções fundamentais acerca da própria literatura. Diz ele que todo discurso sobre a literatura apresenta, implícita ou explicitamente, considerações sobre sete elementos que o teórico francês considera indispensáveis para que haja literatura e para se refletir sobre ela, a saber, a literariedade, a intenção (autor), a representação (mundo), a recepção (leitor), o estilo (língua), a história e o valor¹. Partindo desse pressuposto, o livro de Compagnon analisa em diferentes capítulos as oposições teóricas, em relação a cada um destes aspectos, que marcaram as discussões literárias francesas especialmente a partir da década de 1960. Diferente do que faz Compagnon no livro citado, o objetivo desta dissertação não é o de explorar as distintas respostas e reflexões encontradas pela teoria literária acerca das questões indicadas. No entanto, a afirmação de Compagnon a respeito dos componentes essenciais para qualquer discurso que busque falar sobre a literatura parece ser um ponto de partida instigante para uma investigação que almeja tratar do fazer literário.

Se assumirmos a sua asserção como um pressuposto, uma vez que consideramos esses elementos indispensáveis a qualquer estudo sobre a literatura, a presente investigação não poderia deixar de mencionar ou circundar explicitamente alguns desses temas. No caso do estudo que será desenvolvido aqui, dentre os sete tópicos indicados por Compagnon, a noção de autor é o primeiro elemento que se destaca. Por ser a autobiografia o principal eixo teórico ao redor do qual as análises subseqüentes se

¹ “Cinco elementos são indispensáveis para que haja literatura: um *autor*, um *livro*, um *leitor*, uma *língua* e um *referente*. A isso acrescentaria duas questões que não se situam exatamente no mesmo nível e que dizem respeito, precisamente, à *história* e à *crítica*: que hipóteses levantamos sobre a transformação, o movimento, a evolução literária, e sobre o valor, a originalidade, a pertinência literária?” (COMPAGNON, A., *O demônio da teoria: literatura e senso comum*, p. 26)

situam, a categoria *autor* parece ser a que mais deve ser ressaltada. Com ela, evidencia-se também a noção de mundo ou representação, tendo em vista o fato de que é este o objeto do relato enunciado pelo sujeito que narra com base na sua lembrança.

A princípio, pode parecer ser possível e suficiente manter uma apresentação e discussão teórica a respeito da autobiografia nos limites destas duas noções. Porém, como indica Compagnon, as sete questões supracitadas não são independentes, mas formam um sistema. Por isso, qualquer investigação a respeito de apenas uma das categorias já implicaria em considerações, ainda que implícitas, a respeito das outras (ou da posição do pesquisador sobre as outras). Sendo assim, ao tratarmos da noção de autor e mundo, é inevitável que outras categorias adquiram uma maior dimensão ao longo do processo investigativo, como a de história, valor, recepção ou literariedade. Devido à importância e pertinência de tais temas para qualquer estudo sobre a literatura, analogamente ao que faz Compagnon em seu livro, as seções seguintes serão intituladas como uma alusão a *O demônio da teoria*.

Além disso, a menção ao livro de Compagnon traz um outro ponto em comum com a investigação que se inicia: a tentativa de dissociação e reaproximação entre teoria e senso comum, acerca da escrita autobiográfica, a que este trabalho também se propõe. Dissociação porque tenta refletir sobre um “gênero” que, apesar de estar se tornando cada vez mais comum e disseminado, continua mostrando-se profícuo motivador de indagações acerca da sua composição, estrutura e configuração. Reaproximação porque o caminho percorrido na investigação que iniciamos parte de um conhecimento comum e nos levará indubitavelmente de volta a ele, desta vez com outro olhar e outra percepção.

Contudo, na busca de uma certa unidade em meio a tantas possibilidades de abordagem, fez-se necessária a escolha de uma base teórica que pudesse nortear, englobar e impulsionar a principal questão que move esta investigação, a saber, a tentativa de compreender a escrita autobiográfica em José Cardoso Pires. Tal objetivo não poderia ser alcançado a menos que se buscasse também dirimir algumas dúvidas que com ele surgem. A primeira diz respeito ao que é a autobiografia e quais são os principais problemas teóricos pertinentes a este tipo de escrita. A segunda questão, de modo geral, relaciona-se a uma análise dos textos selecionados a fim de esclarecer em que medida as questões teóricas discutidas podem ser observadas no *corpus* estudado. Por último, resta-nos refletir sobre as conclusões encontradas e as questões em aberto. O presente capítulo buscará dissertar sobre a primeira questão levantada, sendo destinado

aos capítulos três e quatro a reflexão indicada no segundo ponto, e à conclusão as últimas observações acerca do tema.

Conforme mencionado na introdução, a principal teoria abordada neste estudo, que buscará concentrar os diferentes aspectos debatidos, será a importância dada por Paul Ricoeur à narrativa em *Tempo e Narrativa*. A escolha deve-se principalmente ao fato de Ricoeur reunir nos três volumes que compõem a sua obra discussões profundas e profícuas acerca dos dois eixos fundamentais em torno dos quais constitui-se a escrita de teor autobiográfico: história e ficção, ou real e imaginário. A sua tentativa de unir esses dois pólos conceituais através da reconfiguração do tempo pela narrativa traz a lume notáveis discussões acerca dos sete pontos que iniciaram este capítulo. Obviamente não será possível abarcar nas páginas seguintes a totalidade e a complexidade da investigação realizada por Ricoeur. Por isso, nos limitaremos a destacar sua valiosa contribuição a respeito dos temas que tangem esta dissertação.

2.1 Literariedade: Paul Ricoeur e o tempo e a narrativa

Antes da publicação do terceiro volume de *Tempo e Narrativa*, Hayden White, importante pesquisador e teórico sobre história e historiografia, afirma, em “The Metaphysics of Narrativity: Time and Symbol in Ricoeur’s Philosophy of History”, que esta obra de Paul Ricoeur é “a síntese mais importante entre teoria literária e histórica produzida em nosso século”². O texto de White, que faz parte do livro *The Content of the Form. Narrative discourse and Historical representation*, é uma revisão, publicada primeiramente em 1987, de uma comunicação apresentada pelo autor à época em que apenas o primeiro volume da obra de Ricoeur havia sido publicado³. Mesmo após a publicação do segundo volume e ainda sem inserir reflexões acerca do que o terceiro traria, White já destaca o valor da extensão da contribuição teórica de Ricoeur ao conhecimento de um modo geral. Neste sentido, as palavras de White acerca da

² “[...] the most important synthesis of literary and historical theory produced in our century” (WHITE, H., *The Content of the Form. Narrative discourse and Historical representation*, p. 170)

³ É importante ressaltar a existência de um forte diálogo entre os dois autores, uma vez que Ricoeur também examina os estudos de White, especialmente no primeiro volume de *Tempo e Narrativa*.

importância da obra de Ricoeur são bastante elucidativas para compreendermos a dimensão e a complexidade do estudo realizado pelo filósofo francês.

A tentativa de reunir a teoria histórica e literária não é uma tarefa simples e muito menos trivial. Segundo Hayden White, Ricoeur se voltou para o problema das relações entre os dois campos de conhecimento no final da década de 1970, a fim de buscar refletir sobre as críticas e oposições existentes entre eles, especialmente no que diz respeito aos seus modos de discurso e objetos de referência. Nas palavras de White,

o que estava obviamente em questão era uma análise da narrativa, da narração, e da narratividade que levasse em consideração as muitas formas de contar estória encontradas na literatura mundial, dos épicos antigos até o romance pós-moderno, e uma reconceitualização das possíveis relações existentes entre os três principais tipos de discurso narrativo – mítico, histórico, e ficcional – e o “mundo real” ao qual eles inegavelmente se referem. Foi para essas tarefas que Ricoeur se voltou.⁴

A análise dos modos narrativos à qual se dedica Ricoeur busca abarcar todas as formas de contar histórias produzidas na literatura mundial. Apesar dele não dedicar nenhum capítulo ou seção em especial à investigação sobre as implicações envolvidas numa possível aproximação detalhada entre o sistema teórico que propõe e a escrita autobiográfica, a leitura dos três volumes suscita, implícita e explicitamente, tal questionamento.

Primeiramente, não é difícil imaginar porque uma indagação a respeito da autobiografia surgiria, inevitavelmente, de um estudo que se propõe a unir história e ficção. Se considerarmos a idéia comum destes dois pontos, já será possível pensar que, de alguma forma, a autobiografia reúne o real e o imaginado, uma vez que versa sobre fatos verídicos de modo próprio e particular. Assim, esta noção primária e inicial sobre a autobiografia (que será desenvolvida e aprimorada ao longo deste capítulo) já demonstra que o trabalho reflexivo de Ricoeur poderia ser bastante profícuo para tentar solucionar tal suspeita.

Essa hesitação incipiente só seria completamente dirimida quando a leitura alcançasse a metade do segundo volume e se deparasse com uma nota explicativa que diz:

⁴ “What was obviously called for was an analysis of narrative, narration, and narrativity that would take into account the many forms of storytelling met with in world literature, from ancient epics through the post-modernist novel, and a reconceptualization of the possible relations existing between the three principal kinds of narrative discourse – mythic, historical, and fictional – and the “real world” to which they undeniably referred. It was to these tasks that Paul Ricoeur turned.” (WHITE, H., *The Content of the Form. Narrative discourse and Historical representation*, p. 170)

Eu não irei, portanto, considerar a autobiografia aqui. Porém, eu não devo evitar referir-me a ela no contexto da refiguração do tempo executada conjuntamente pela história e a ficção. Este é na verdade o único lugar que pode ser designado à autobiografia na estratégia que está sendo operada em *Tempo e Narrativa*.⁵

A menção explícita do autor ao modo como a autobiografia se insere na estratégia de investigação operada em *Tempo e Narrativa* aponta textualmente para a pertinência da questão autobiográfica em meio à inter-relação entre história e ficção examinada por Ricoeur. Porém, tal indicação não esclarece as nuances teóricas envolvidas no problema. Além disso, ao longo dos três volumes, Ricoeur refere-se à autobiografia, mais uma vez rapidamente e apenas no terceiro volume, para enriquecer sua explicação e exame do que irá denominar “identidade narrativa”⁶.

Conseqüentemente, a fim de podermos averiguar melhor de que modo a teoria desenvolvida pelo filósofo pode ser profícua para uma reflexão acerca da escrita autobiográfica, é necessária uma maior aproximação da obra como um todo e de seus temas centrais.

O primeiro volume, publicado primeiramente em 1983, abarca as duas primeiras partes da grande obra, a saber, “O círculo da narrativa e da temporalidade” e “História e Narrativa”. No último volume de *Tempo e Narrativa*, que compreende a quarta parte de seu estudo, intitulada “Tempo Narrado”, Paul Ricoeur se dedica a reexaminar e expandir as noções antes destrinchadas a respeito do Tempo, da História e da Ficção. Na primeira seção, ele retorna à reflexão acerca da aporética da temporalidade examinada no primeiro volume. Na segunda, revisa todos os conceitos examinados nos volumes 1 e 2 acerca da narrativa e do tempo na história e na ficção numa tentativa de interligá-los. A reflexão que se encerra no último volume tem como base uma investigação minuciosa, realizada separadamente, acerca da História e da Ficção. Enquanto ao discurso histórico é destinada a segunda parte do primeiro volume, à ficção Ricoeur reserva a terceira parte da sua obra (“A configuração do tempo na narrativa ficcional”) que compreende todo o segundo volume. Infelizmente, uma análise detalhada sobre

⁵ “I shall, therefore, not consider autobiography here. However, I ought not to avoid referring to it in the content of the refiguration of time performed jointly by history and fiction. It is actually the only place that can be assigned to autobiography by the strategy operating in *Time and Narrative*.” (RICOEUR, P., *Time and Narrative*, v. 2, p. 183 – doravante TN 2)

⁶ São dois os momentos em que Ricoeur refere-se textualmente à autobiografia no volume 3 de *Tempo e Narrativa*. Um destes excertos será citado na seção 2 deste capítulo e o outro se encontra a seguir: “A identidade narrativa torna-se, então, tanto o problema quanto a solução. A investigação sistemática da autobiografia e do auto-retrato iriam indubitavelmente comprovar essa instabilidade de princípio da identidade narrativa.” - “Narrative identity thus become the name of a problem at least as much as it is that of a solution. A systematic investigation of autobiography and self-portraiture would no doubt verify this instability in principle of narrative identity.” (RICOEUR, P., p. TN 3, p. 249)

todos os pontos a respeito dos quais Ricoeur reflete nas quatro partes de *Tempo e Narrativa* não caberia nos limites a que se propõe uma dissertação de mestrado. Além disso, a pesquisa desenvolvida no presente capítulo não tem como principal objeto a obra de Paul Ricoeur, mas sim as possíveis relações entre a sua teoria inovadora e a escrita autobiográfica. Por isso, no que diz respeito ao problema da percepção do tempo que, juntamente com a narrativa, é o centro da investigação do autor, nos limitaremos a uma breve apresentação, objetivando, apenas, situar os temas que nos interessam em meio à grande questão que move Ricoeur.

Para iniciar a reflexão sobre o principal motivador que permeia toda obra (a associação entre o tempo e a narrativa, conforme indica o título), Ricoeur introduz, já na primeira parte, a idéia da relação circular em que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de maneira narrativa; a narrativa, por sua vez, é significativa na medida em que ela desenha os traços da experiência temporal”⁷. Tal objetivo é efetivado com a apresentação de duas teorias: uma a respeito do tempo, com base nas *Confissões* de Agostinho⁸ (372-430), e outra do enredamento (*emplotment*), centrada na análise da *Poética* de Aristóteles (384-322 a.C.). A escolha destas duas introduções históricas para dar início a uma reflexão sobre o questionamento central de Ricoeur deve-se ao fato dos dois livros representarem meios de acesso independentes para o problema circular proposto. Enquanto Agostinho se questiona sobre a natureza do tempo sem nenhuma preocupação aparente com a estrutura narrativa utilizada nos primeiros nove livros das suas *Confissões*, Aristóteles constrói sua teoria do enredo sem atentar para as implicações temporais trazidas pela sua análise.

A investigação inicial realizada por Ricoeur acerca do tempo em Agostinho é apenas o primeiro passo de uma análise que, no volume três, passa pelas teorias de outros filósofos (Aristóteles, Edmund Husserl, Immanuel Kant e Martin Heidegger) para comprovar a aporética da fenomenologia da temporalidade. Ricoeur pretende mostrar, assim, que as especulações filosóficas acerca do tempo têm sempre um caráter aporético, na medida em que não encontram uma saída para solucionar a distinção entre a perspectiva fenomenológica e a cosmológica do tempo. O objetivo de Ricoeur é,

⁷ “Time becomes human time to the extent that it is organized after the manner of a narrative; narrative, in turn, is meaningful to the extent that it portrays the features of temporal experience.” (RICOEUR, P., *Time and Narrative*, v. 1, p. 3 – doravante TN 1)

⁸ Ricoeur detém sua análise principalmente no livro 11 das *Confissões*, uma vez que considera os nove primeiros livros desta obra como uma “autobiografia espiritual” (Cf. RICOEUR, P., TN 1, p. xii). Trataremos da parte autobiográfica desta obra agostiniana posteriormente.

então, descobrir de que meios a poética dispõe para tentar resolver este dilema, ou ao menos “fazê-lo trabalhar”.

Por mais distante que essa “meditação”⁹ sobre o tempo apresentada por Ricoeur pareça estar, a solução poética que ele procura para a aporia da temporalidade aproxima suas discussões de uma reflexão sobre a literatura. A resposta não-especulativa que Ricoeur tenta defender faz trabalhar a filosofia, a história e, o que mais importa para os fins deste estudo, a literatura. Neste sentido, a caracterização de “metafísica da narrativa”, atribuída por Hayden White ao esforço teórico do filósofo francês, pode ser entendida como uma síntese da conexão entre os estudos sobre o discurso narrativo e o modo de investigação filosófica que Ricoeur propõe realizar. Ele faz uma “metafísica da narrativa” na medida em que sua investigação sobre o tema não permanece na superfície, mas pretende ser mais “radical” e profunda¹⁰, apresentando “um diálogo sobre tempo e narrativa que envolve toda a história da filosofia”¹¹. Além disso, um dos aspectos que mais se destaca na “metafísica da narrativa”, para os fins desta dissertação, é o caráter universal que o estudo de Ricoeur atribui ao discurso narrativo. O sentido universal do seu estudo encontra-se baseado, principalmente, na apreensão fundamental de que o elemento que une os diferentes modos de narrativa é o humano, ou seja, o que está na base da solução poética para a aporia do tempo é a narrativa sobre a experiência própria do homem.

Assim, qualquer representação narrativa de eventos humanos é um empreendimento de seriedade filosófica profunda [...]. Não importa se os eventos que servem como referências imediatas da narrativa são considerados reais ou somente imaginários, o que importa é se esses eventos são considerados como tipicamente humanos.¹²

⁹ Cf. REIS, J. C., “Teoria e história da “ciência histórica”: tempo e narrativa em Paul Ricoeur”. In: FIGUEIREDO, B.; CONDE, M. (orgs), *Ciência, História e Teoria*, p. 98.

¹⁰ “Se a noção de experiência temporal deve valer o seu nome, nós não devemos nos limitar a descrever os aspectos temporais implícitos na remodelação do comportamento pela narrativa. Nós devemos ser mais radicais e trazer a lume aquelas experiências onde o tempo como tal é tematizado, algo que não pode ser feito a menos que nós introduzamos um terceiro elemento na discussão entre historiografia e narratologia.” - “If the notion of temporal experience is to be worthy of its name, we must not confine ourselves to describing the implicitly temporal aspects of the remodeling of behavior by narrativity. We need to be more radical and bring to light those experiences where time as such is thematized, something that cannot be done unless we introduce a third partner into the discussion between historiography and narratology.” (RICOEUR, P., TN 3, p. 3)

¹¹ REIS, J.C., op. cit., p. 99.

¹² “Thus, any narrative representation of human events is an enterprise of profound philosophical [...] seriousness. It does not matter whether the events that serve as the immediate referents of narrative are considered to be real or only imaginary; what matters is whether these events are considered to be typically human.” (WHITE, H., *The Content of the Form. Narrative discourse and Historical representation*, p. 180)

Alcançamos neste ponto da nossa reflexão um tópico central para o estudo acerca da autobiografia: a narrativa da experiência humana. Se unirmos a “universalidade” mencionada anteriormente acerca da totalidade de modos de escrita, que Ricoeur pretende abarcar, ao tema da expressão da vida humana, chegamos cada vez mais perto da autobiografia. Especialmente se adicionarmos a isso a afirmação de Ricoeur de que “a literatura é o instrumento insubstituível de exploração da concordância discordante que constitui a coesão de uma vida”¹³.

A citação acima traz a lume um elemento de grande importância para a análise específica acerca da escrita autobiográfica, a saber, a questão da identidade narrativa depreendida da dialética entre a permanência e a diferença¹⁴. Por esse motivo, antes de nos determos sobre ela, parece ser necessário explorar o problema da identidade narrativa trazido por Ricoeur, para enriquecer a reflexão posterior sobre o nosso tema central.

2.2

Autor: a identidade narrativa

De volta às categorias imprescindíveis explicitadas por Compagnon, a proposta de nos centrarmos em quem fala e sobre o quê fala se enquadra no caminho investigativo, enunciado por Hannah Arendt e recapitulado por Paul Ricoeur¹⁵, que postula a necessidade de se pensar sobre a pergunta “O quê?” para a obtenção da resposta sobre “Quem?”. Porém, neste caminho do “quê” para “quem” é necessário passar pelo “como”. Nas palavras de Ricoeur, “este será o nosso caminho: do “Quê?” para “Quem?” passando pelo modo “Como?” Das memórias para a memória reflexiva passando pelo modo de recordar”¹⁶.

Inicialmente pode parecer estranho o deslocamento da resposta sobre “Quem” para um último plano numa investigação sobre a autobiografia. Contudo, tal opção metodológica deve-se, principalmente, à direção investigativa delineada por Ricoeur na

¹³ “Literature is the irreplaceable instrument for the exploration of the discordant concordance that constitutes the cohesiveness of a life.” (RICOEUR, P., TN 3, p. 140)

¹⁴ Nota-se também a relevância da literatura nesta formação identitária, tema que será mencionado posteriormente.

¹⁵ Em TN 3, Ricoeur remete-se a Hannah Arendt em *A Condição Humana*.

¹⁶ “This will be our path: from “What?” to “Who?” passing by way of “How?” From memories to reflective memory, passing by way of recollection.” (RICOEUR, P., *Memory, History, Forgetting*, p. 4)

introdução da parte destinada ao seu estudo sobre a memória e a recordação (“On memory and recollection”) no livro *Memory, History, Forgetting*. Longe de ambicionar explicar as nuances filosóficas e epistemológicas envolvidas na fenomenologia da memória proposta por Ricoeur, gostaria apenas de recuperar o seu método cognitivo para clarificar a escolha e a importância metodológica do rumo aqui escolhido para análise.

Nessa parte do seu livro, Ricoeur pretende estudar a memória para tentar preencher a lacuna deixada pela ausência de uma investigação sobre ela em algumas de suas obras anteriores¹⁷. Primeiramente, a análise de Ricoeur é estruturada em torno de duas perguntas: de *que* são as memórias e de *quem* são as memórias?¹⁸. A resposta para a primeira pergunta, no entanto, se divide em dois níveis quando o filósofo evoca a diferença entre memória (*mnēmē*) e recordação (*anamnēsis*) entre os gregos. O primeiro tipo estaria relacionado a uma memória passiva, ou seja, a uma lembrança mental imediata e não-intencional. Já o segundo diz respeito à memória como um objeto de busca, isto é, a recordação que é uma procura ativa por lembranças. Ricoeur denomina *mnēmē* como o uso cognitivo da memória e *anamnēsis* como o pragmático.

Trazendo essa distinção para o tema da autobiografia e introduzindo a sua relevância para o tópico do arco hermenêutico que será tratado na seção seguinte, podemos interpretar *mnēmē* como uma referência ao real, ao mundo da vida, e *anamnēsis* como uma alusão à produção individual sobre a experiência. Vale ressaltar que um dos aspectos relevantes dessa distinção para este trabalho (que será bastante explorado nos capítulos seguintes) é o questionamento que ela pode trazer para o âmbito narrativo, no que diz respeito ao problema do real e do imaginário. Enquanto a pretensão de verdade da história se baseia no modelo cognitivo de memória, o problema da veracidade narrativa se coloca no âmbito da pragmática com base na noção de que lembrar é um ato, é realizar uma ação intencional e imaginativa. É neste sentido que Ricoeur separa o “Quê” (memória cognitiva) do “Como” (recordação pragmática).

Esse caminho da lembrança imediata, passando pela atividade de recordar, alcança, em última instância, o sujeito a quem pertence a memória e que realiza a recordação. Nota-se que este é um trajeto que pode ser compreendido como uma via de obtenção de conhecimento. O movimento da percepção primeira e imediata que passa

¹⁷ Os livros a que ele se refere são *Time and Narrative* e *Oneself as Another* (University of Chicago Press, 1992).

¹⁸ Cf. RICOEUR, P., *Memory, History, Forgetting*, p. 3.

pelo ato de busca e de criação até reencontrar o sujeito e possibilitar a reflexão sobre o objeto pensado é um caminho epistemológico. Aplicada à literatura, esta direção realiza o movimento de um arco hermenêutico¹⁹ que emerge da vida (do “quê” imediato), atravessa a obra literária (que seria o “como” configurado na atividade de recordação, análise e criação) e volta para a vida (relacionando-se ao retorno ao sujeito através da reflexão)²⁰.

É apenas neste último momento que é possível responder à questão sobre “Quem”, já que “responder à questão “Quem?”, como Hannah Arendt tão vigorosamente a colocou, é contar a estória de uma vida”²¹. Neste sentido, para se chegar a quem fala é necessário passar pelas suas ações que são conhecidas através da narrativa. A identidade deste “quem” deve ser uma identidade narrativa que inclui mudanças na coesão de uma vida.

O sujeito aparece então tanto como um leitor quanto como o escritor da sua própria vida. Como a análise literária da autobiografia confirma, a estória de uma vida continua a ser refigurada por todas as estórias verídicas ou ficcionais que um sujeito conta sobre ele mesmo, ou ela mesma. Esta refiguração faz desta vida um tecido entrelaçado por estórias contadas.²²

A metáfora utilizada por Ricoeur para definir a identidade narrativa é, além de bela, bastante elucidativa. A idéia de um tecido entrelaçado por partes distintas nos remete imediatamente à imagem de uma colcha de retalhos que, apesar da diversidade de materiais, estampas e formatos, mantém uma coesão em meio à heterogeneidade. É importante ressaltar que a noção de identidade trazida por Ricoeur vai de encontro a uma idéia substancialista de identidade, que defende a existência de uma essência do

¹⁹ Ricoeur utiliza-se da hermenêutica principalmente no sentido atribuído por Hans-Georg Gadamer para uma teoria filosófica da compreensão que retorna ao círculo hermenêutico de Heidegger. De acordo com este último “toda compreensão apresenta uma “estrutura circular”, visto que só dentro de uma totalidade já dada de sentido uma “coisa” se manifesta como uma “coisa”, e uma vez que toda interpretação – como elaboração da compreensão – se move no campo da compreensão prévia, pressupondo-a portanto como condições de sua possibilidade.” (CORETH, E., *Questões fundamentais de hermenêutica*, p. 23). Ao “círculo hermenêutico”, Gadamer adiciona o significado positivo do “preconceito”. Ele “esforçou-se por valorizar a palavra, que não significa outra coisa senão uma “precompreensão” historicamente transmitida e ainda cientificamente irrefletida, a qual, independentemente da medida em que alcança o pleno sentido da coisa, já permite um primeiro acesso da compreensão; preparando uma compreensão mais ampla e mais profunda, pelo que será pressuposta por esta.” (CORETH, E., op. cit., p. 24-25)

²⁰ Cf. RICOEUR, P., TN 3, p. 312.

²¹ “To answer the question “Who?” as Hannah Arendt has so forcefully put it, is to tell the story of a life.” (RICOEUR, P., TN 3, p. 246)

²² “The subject then appears both as a reader and the writer of its own life [...]. As the literary analysis of autobiography confirms, the story of a life continues to be refigured by all the truthful or fictive stories a subject tells about himself or herself. This refiguration makes this life itself a cloth woven of stories told.” (RICOEUR, P., TN 3, p. 246)

sujeito por trás de toda aparência. Nesse sentido, seria essa “essência” o alicerce que manteria a identidade. Ao contrário disso, a teoria da identidade narrativa de Ricoeur sugere ser a própria multiplicidade de fenômenos, ou seja, o conjunto de todas as estórias, o que constitui a coesão de uma vida. É nessa linha de pensamento que se insere a análise da autobiografia que será realizada nos dois próximos capítulos sobre as obras de José Cardoso Pires *E agora, José?* e *De Profundis, valsa lenta*, respectivamente. No lugar de buscar uma intencionalidade por trás do relato pessoal, pretendemos examinar a forma como dados biográficos se unem à ação imaginativa de modo a formar uma identidade²³ que se faz através da narração, possibilitando uma reflexão, acerca dos fatos narrados, tanto para o escritor quanto para o leitor.

Destaco ainda que a identidade narrativa da qual fala Ricoeur não se limita ao indivíduo e estende-se para a comunidade. Neste sentido, é a narrativa das estórias (*stories*) e da história (*history*), tanto no âmbito particular quanto no âmbito coletivo (de um grupo ou uma nação), o que constitui a identidade nos dois casos. Nas palavras do autor,

a noção de identidade narrativa também indica sua fecundidade naquilo que pode ser aplicado à comunidade assim como a um indivíduo. [...] O indivíduo ou a comunidade são constituídos em suas identidades por narrativas que, para eles, tornam-se sua verdadeira história.²⁴

2.3

Do mundo ao leitor: o arco hermenêutico e a mimesis tripartida

O que está em jogo, portanto, é o processo concreto através do qual a configuração textual media entre a prefiguração do campo prático e a sua refiguração através da recepção da obra. Isso aparecerá como um corolário, ao final desta análise, de que o leitor é o operador por excelência que toma através de uma ação – o ato de leitura – a unidade do que atravessa da mimesis (i) para a mimesis (iii) pelo modo da mimesis (ii).²⁵

Paul Ricoeur

²³ Que não deve ser confundida com a identidade psicológica do escritor.

²⁴ “The notion of narrative identity also indicates its fruitfulness in that it can be applied to a community as well as to an individual. [...] Individual or community are constituted in their identity by taking up narratives that become for them their actual history.” (RICOEUR, P., TN 3, p. 247)

²⁵ “What is at stake, therefore, is the concrete process by which the textual configuration mediates between the prefiguration of the practical field and its refiguration through the reception of the work. It will appear as a corollary, at the end of this analysis, that the reader is that operator par excellence who takes up through doing something – the act of reading – the unity of the traversal from mimesis (i) to mimesis (iii) by way of mimesis (ii).”

O movimento circular indicado anteriormente, a fim de esclarecer a identidade narrativa, é um elemento fundamental para compreender *Tempo e Narrativa*. Na sua base encontra-se uma das mais valiosas contribuições de Ricoeur para os estudos literários que é a sua teoria da tripla relação mimética a partir de uma revisão da *Poética* de Aristóteles.

Ricoeur inicia suas reflexões especificamente acerca da literatura com uma revisão da centralidade da noção de enredo na *Poética* de Aristóteles. Excluindo da noção aristotélica de *mimesis* qualquer interpretação que a identifique com uma cópia idêntica, Ricoeur enfatiza a idéia de que “imitar ou representar é uma atividade mimética visto que produz algo, a saber, a organização dos eventos por enredamento”²⁶. Deste modo, vemos reunidas na noção de enredo tanto composição (organização de eventos) quanto ação (imitação ou representação). Segundo Ricoeur, é esta “criação imitativa” que abre a fenda para a ficção²⁷.

Aqui se torna fundamental esclarecer que Ricoeur não utiliza o termo ficção como um sinônimo de configuração narrativa e nem como antônimo da reivindicação do discurso histórico para equivaler a uma narrativa “verdadeira”²⁸. Afastadas essas duas noções correntes do termo, “a palavra “ficção” está então disponível para designar a configuração de uma narrativa para a qual o enredamento é o paradigma, sem considerar as diferenças referentes às pretensões de verdade das duas classes de narrativa [histórica e ficcional]”²⁹.

Ainda em relação à “criação imitativa”, observa-se neste termo a tentativa de união entre os dois pólos indicados no início deste capítulo, a saber, história e ficção, ou real e imaginado. Apesar de ser uma noção que aparece de modo tangencial no primeiro volume, ela já anuncia o objetivo que ocupará Ricoeur na maior parte do terceiro livro, que é inter-relacionar história e ficção a fim de alcançar o maior propósito da obra: solucionar a aporia do tempo através da narrativa.

Como já vimos, a narrativa que tem o enredamento como paradigma é a mesma que fala da experiência humana. Portanto, “para resolver o problema da relação entre tempo e narrativa eu preciso estabelecer o papel mediador do enredamento entre um

²⁶ “Imitating or representing is a mimetic activity inasmuch as it produces something, namely, the organization of events by emplotment.” (RICOEUR, P., TN 1, p. 34)

²⁷ Cf. RICOEUR, P., TN 1, p. 45.

²⁸ Cf. RICOEUR, P., TN 1, p. 64 e TN 2, p. 3.

²⁹ “The word ‘fiction’ is then available for designating the configuration of a narrative for which emplotment is the paradigm, without regard for the differences that concern the truth claims of the two classes of narrative.” (RICOEUR, P., TN 1, p. 64)

estágio de experiência prática que o precede e um estágio que o sucede”³⁰. Essa ação de “enredamento” traz, assim, uma dupla relação com o mundo, uma vez que é ela que relaciona a experiência primeira com um momento posterior de reflexão. É neste sentido que Paul Ricoeur fala sobre “o arco hermenêutico que emerge da vida, atravessa pela obra literária, e retorna à vida. A aplicação constitui o segmento final deste arco”³¹.

O primeiro segmento do arco do qual fala Ricoeur está relacionado ao sentido que ele determina para a noção de mimesis (i). Esta corresponde à “prefiguração” do mundo, à precompreensão e às pressuposições do autor (e do leitor) em relação ao “real”. O segundo ponto deste círculo é a mimesis (ii) e o “reino do *como se*”, que corresponde à atividade mimética de criação. Ao posicionar esta entre uma “prefiguração” do mundo e o terceiro estágio de “reconfiguração” pelo leitor, Ricoeur destaca a função fundamental de mediação que essa atividade mimética estabelece entre o real e a reflexão sobre ele. Assim, vale ressaltar novamente que será esta atividade mimética de mediação que será explorada na análise dos escritos de José Cardoso Pires selecionados para estudo.

O último segmento do círculo é a mimesis (iii) e sua função de “refiguração” do mundo, ou seja, das “prefigurações” que iniciaram o arco. Este é o lugar de interseção entre o “mundo do texto” e o “mundo do leitor”. É neste ponto que a poética se une à ética, uma vez que a “aplicação” não é aqui um mero suplemento da precompreensão, da compreensão e da explicação, mas uma parte “orgânica” do arco hermenêutico. Neste sentido, chamamos a atenção para a identidade narrativa e o seu caráter coletivo ou individual. A importância da mimesis (iii) se destaca, assim, na reconfiguração do mundo pelo leitor ou por uma comunidade (que será especialmente trabalhada em relação a *E agora, José?*) bem como na reconfiguração da vida pelo autor, com base no caráter catártico que a narração de um evento particular pode adquirir (como será observado na análise de *De Profundis, valsa lenta*).

Assim, veremos a relação tripartida da mimesis de Ricoeur acompanhando o próprio movimento ao qual este texto se propõe. Primeiramente, consideraremos, ainda neste capítulo, as implicações dos diferentes temas (coletivo ou privado) que podem ser abordados numa escrita autobiográfica. Tal investigação nos levará, necessariamente, a

³⁰ “To resolve the problem of the relation between time and narrative I must establish the mediating role of emplotment between a stage of practical experience that precedes it and a stage that succeeds it.” (RICOEUR, P., TN 1, p. 53)

³¹ “[...] the hermeneutics arch that emerges out of life, crosses through the literary work, and returns to life. Application constitutes the final segment of this arch.” (RICOEUR, P., TN 3, p. 312)

considerar a tradição teórica desse modo de escrita. Em segundo lugar, analisaremos nos dois capítulos seguintes a mediação feita por José Cardoso Pires entre o seu mundo e as reflexões a que ele leva o leitor. No entanto, como não consta entre os objetivos principais desta dissertação uma análise sobre a recepção da obra literária, um breve comentário acerca do assunto foi reservado às conclusões finais.

2.4

A obra autobiográfica

As seguintes palavras de Beatriz Sarlo acerca da narração da experiência, no livro *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, parecem resumir as idéias apresentadas até aqui a respeito do discurso sobre o real, do processo de criação mimética e da reconfiguração do mundo pela narração. Diz a autora:

[não] há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável [...]. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar.³²

As associações que são estabelecidas imediatamente, após a leitura deste excerto, entre as palavras de Sarlo acerca do passado, da memória e da sua narração e a teoria de Paul Ricoeur não são levianas. Sabe-se que a autora utiliza as obras de Ricoeur mencionadas aqui no seu estudo acerca dos motivos que levaram a literatura de testemunho a ser amplamente legitimizada como ícone de verdade a partir da revalorização do sujeito, do passado e da memória.

Sua descrição da narração como uma forma de tornar comunicável o aspecto “mudo da experiência”³³ é bastante esclarecedora no que diz respeito ao movimento do arco hermenêutico que acabamos de investigar. Além disso, ela ressalta a importância

³² SARLO, B., *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, p. 24-25.

³³ O termo aparece já em Ricoeur: “Eu vejo nos enredos que inventamos os meios privilegiados através dos quais nós reconfiguramos nossa experiência temporal muda que é confusa, disforme e no limite.” - “I see in the plots we invent the privileged means by which we re-configure our confused, unformed, and at the limit mute temporal experience.” (RICOEUR, P., TN 1, p. xi)

do que foi denominado de mimesis (ii), evidenciando, assim, o caráter mediador da “linguagem” entre a experiência e a sua resignificação.

Ademais, a citação acima traz a questão da temporalidade analisada por Ricoeur, e brevemente apresentada anteriormente, sob o prisma da sua “solução” poética. Essa temporalidade, na qual a narração inscreve a experiência, é o que Ricoeur chama de “tempo narrado”, que se encontra entre o tempo vivido (fenomenológico) e o cosmológico. É este terceiro tempo o tempo da narração, que nasce das “trocas íntimas entre a historicização da narrativa ficcional e a ficcionalização da narrativa histórica”³⁴.

Resumidamente, Ricoeur, a partir de uma crítica à noção de passado “real” na história e da noção de “irreal” na ficção, chama de historicização da ficção as relações que podem ser estabelecidas entre os elementos ficcionais e os eventos “reais” aos quais a ficção, de algum modo, sempre se remete. Por outro lado, a ficcionalização da história baseia-se, principalmente, na substituição da noção de intuição histórica por imaginação, juntamente com a aplicação da noção de “como se” (que reforça a distância temporal entre o que é narrado e o evento em si ao mesmo tempo em que simula uma aproximação entre eles) ao invés de “no lugar de”. Nas palavras de Paul Ricoeur,

a relação entre história e ficção é seguramente mais complexa do que nós jamais seremos capazes de botar em palavras. E, é claro, nós temos que combater o preconceito de que a linguagem dos historiadores pode ser inteiramente transparente, a ponto de permitir às coisas falarem por si mesmas; como se fosse suficiente eliminar os ornamentos da prosa a serem feitos com as figuras da poesia. Mas nós não podemos combater este preconceito inicial sem também lutar contra um segundo preconceito, que sustenta que a literatura da imaginação, por sempre usar a ficção, não pode estar presa à realidade. Deve-se lutar contra estes dois preconceitos.³⁵

A diminuição da distância entre história e ficção nos traz cada vez mais perto da aplicação dos conceitos acima à escrita autobiográfica.

Este lugar entre o “real” e o “imaginado” (no sentido visto acima) é o interstício onde se insere a autobiografia. Nela, o escritor parte de uma “experiência muda”, realiza a sua configuração através dos artifícios da linguagem, tornando-a comunicável e aplicando sobre ela sua ação imaginativa, e depois abre esse domínio para uma

³⁴ “[...] intimate exchanges between the historicization of the fictional narrative and the fictionalization of the historical narrative.” (RICOEUR, P., TN 3, p. 102)

³⁵ “The relation between fiction and history is assuredly more complex than we will ever be able to put into words. And, of course, we have to combat the prejudice that the historian’s language can be made entirely transparent, to the point of allowing the things themselves to speak; as if it sufficed to eliminate the ornaments of prose to be done with the figures of poetry. But we cannot combat this initial prejudice without also struggling against a second one, which holds that the literature of imagination, because it always makes use of fiction, can have no hold on reality. These two prejudices both have to be fought against.” (RICOEUR, P., TN 3, p. 154-155)

reconfiguração através da leitura, seja pelo leitor, seja por ele mesmo. Como podemos ver, o arco hermenêutico também realiza um círculo compreensivo e epistemológico bem-acabado na escrita autobiográfica. Porém, esta conclusão não nos isenta dos problemas que surgem quando se analisa especificamente a autobiografia.

2.5

História: transgressão e permanência na autobiografia

Mas o quão confiável é a atividade da memória de tornar uma história ou um eu em uma estória? Se a memória é alternadamente clara e nublada e em mudança, amarrada com lacunas e conflitos inconscientes, por qual mágica linguística tal multiplicidade tão confusa produz uma história mimética?³⁶

Com esta pergunta Elizabeth de Mijolla inicia o seu livro de análise sobre os escritos autobiográficos de quatro grandes nomes do gênero³⁷, Agostinho, Michel de Montaigne, Jean-Jacques Rousseau e William Wordsworth. Observa-se que um dos seus principais objetivos é mostrar como a autobiografia tenta conciliar mimesis e memória. No sentido explorado pela autora, a mimesis encontra-se relacionada à permanência, ou seja, à imitação e à “cópia” (*mnēmē*), enquanto memória estaria relacionada à mudança, ao individual, isto é, à lembrança imaginativa a partir da recriação através dos fragmentos de memória (*anamnēsis*). Assim, afirma a autora, nos escritos autobiográficos, a memória encontra-se em constante embate com a mimesis, resultando tanto na manutenção da tradição quanto na transgressão das escritas desse “gênero”. Nota-se que a questão da batalha entre mudança e permanência evidenciada por De Mijolla aponta, de um lado, para o exterior da autobiografia, ou seja, para a relação de intertextualidade entre transgressão e manutenção que se pode estabelecer entre os diferentes escritos que se inserem neste “gênero”; e de outro para o interior do texto biográfico, isto é, para o problema da referência num tipo de texto que se estabelece

³⁶ “But how reliably does memory yield a history or self become a story? If memory is alternately clear and cloudy and changing, laced with lacunae and unconscious conflicts, by what linguistic magic does such confusing multiplicity yield mimetic history?” (DE MIJOLLA, E., *Autobiographical Quests: Augustine, Montaigne, Rousseau, and Wordsworth*, p. I.)

³⁷ É importante ressaltar que, apesar da autora utilizar a denominação de gênero para referir-se à autobiografia, essa não será uma nomenclatura utilizada nesta dissertação por preferirmos, juntamente com Leonor Arfuch, referirmo-nos ao tipo de escrita como um dos modos pertencentes ao que esta chama de “espaço biográfico”. Tal denominação, como será apresentado posteriormente, deriva-se justamente da multiplicidade de formas de discurso que podem inserir-se no espaço biográfico.

entre o real (no sentido de cópia do passado) e o imaginado (no sentido das novas relações criadas pela memória para remeter-se ao lembrado). A discussão acerca deste segundo aspecto será realizada mais adiante. No momento, limitar-nos-emos ao fator histórico e genealógico a respeito da expansão da escrita autobiográfica.

Entre as observações de Elizabeth De Mijolla, ressalta-se inicialmente a questão da mudança permanente que sofre o gênero autobiográfico, que, desde o seu surgimento, trava uma batalha constante entre a transgressão e a permanência dos modos de narrar. A relevância deste embate apontado pela autora pode ser já observada na seleção do seu *corpus* de análise bem como na ordem em que este é apresentado.

O fato de Agostinho ser o primeiro escritor mencionado e analisado em um livro sobre a autobiografia indica, imediatamente, o posicionamento de De Mijolla em favor dos teóricos que consideram as *Confissões* do filósofo medieval, livro escrito entre 397 e 398, e não as de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), escrito em 1764, como o marco da “invenção” da autobiografia. Os que defendem Agostinho como o “inventor” da autobiografia³⁸ o fazem com base no argumento de que a sua obra é o primeiro grande paradigma de um modelo de escrita sobre si mesmo, ainda que ele o tenha feito almejando ser um exemplo ou um modelo para toda a comunidade. Sob essa perspectiva, “a autobiografia começa em comunidade, enfatizando menos o que é singular em uma vida do que o que a vida mantém em comum com outras vidas”³⁹.

Por outro lado, os que, como Leonor Arfuch em seu livro *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*, defendem Rousseau como o grande “inventor” da autobiografia como a conhecemos hoje, ou seja, com destaque para a questão da individualidade, o fazem com base na cultura contemporânea e na expansão da idéia moderna de exploração do privado como lugar de intimidade. “Rousseau anuncia a individualidade como o pilar da autobiografia”⁴⁰ e é ele o primeiro grande explorador, e também teórico, desta intimidade⁴¹.

³⁸ É importante salientar que esta afirmativa não significa a total ausência de escritos direcionados ao relato de uma experiência mística antes das *Confissões* de Agostinho. A importância dessa obra advém do paradigma que sua escrita instaurou em relação à retórica da autobiografia como modelo de narração da vida aliado à demonstração da verdade divina. Algumas das suas características mantêm-se no modelo rousseauiano.

³⁹ “Autobiography begins in community, emphasizing less what is singular in a life than what a life holds in common with other lives.” (DE MIJOLLA, E., op. cit., p. 13)

⁴⁰ “Rousseau announces individuality as the touchstone of autobiography.” (DE MIJOLLA, E., *Autobiographical Quests: Augustine, Montaigne, Rousseau, and Wordsworth*, p. 78)

⁴¹ ARENDT apud ARFUCH, L., *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*, p. 33.

A principal relevância da apresentação dessa discussão sobre a postulação do primeiro grande realizador da autobiografia para o nosso estudo encontra-se no que parece estar por trás do debate. Podemos pensar sobre ele como uma derivação do problema da transgressão ou da permanência do modo de escrita autobiográfica ao longo da história cultural.

A escrita agostiniana com ênfase no caráter comunitário pertence a um modelo de pensamento político e social no qual a esfera privada não tinha a dimensão particular e intimista que adquiriu no século XVIII, sendo apenas uma extensão do domínio público. Já a ênfase rousseuniana sobre a intimidade e o privado é paradigmática para um novo modo de comportamento que se anuncia, no qual destaca-se a busca por dissociar estas duas esferas “donde el relato de la propia vida y la revelación del secreto personal operan como reacción contra el avance inquietante de lo público/social, en términos de una opresiva normatividad de las conductas”⁴². Neste sentido, nota-se, de um lado, teóricos que encaram a mudança de pensamento social, da coletividade para a intimidade, como uma continuidade de um tipo de escrita que se modificaria conforme o paradigma social, político e cultural das diferentes épocas. Em contrapartida, os defensores de Rousseau como o ponto de início principal da escrita autobiográfica, sem desconsiderarem que Agostinho seja um antecessor inegável do gênero, elegem o pensador francês como o marco para a possibilidade de delineamento da especificidade da autobiografia. Tal posicionamento pode ser claramente interpretado como um modo de priorizar a permanência temática sobre o indivíduo em detrimento dos pontos de interseção entre os diversos modos de escrita sobre si que poderiam ser traçados independentemente do paradigma político e social.

Não é interesse deste estudo tentar resolver a polêmica ou assumir um posicionamento inflexível em relação a ela. Todavia, tal discussão apresenta-se imprescindível tendo em vista o fato de que a investigação que se seguirá acerca dos escritos autobiográficos em José Cardoso Pires prima por demonstrar em que medida o discurso do autor português se diferencia de um modelo canônico de autobiografia, porém sem deixar de inserir-se dentro desse campo de expressão. Queremos pensar de que modo a escrita autobiográfica de Cardoso Pires mantém tanto a importância da esfera comunitária, como no caso do tipo de autobiografia iniciada por Agostinho, quanto a do âmbito particular, como foi seguido a partir do modelo de Rousseau. Por

⁴² ARFUCH, L., op. cit., p. 42.

consequente, a polêmica apresentada acima traz para a presente investigação um questionamento acerca do que se enquadraria como transgressão ou permanência nas obras do escritor português que serão analisadas.

A princípio, esta é uma questão que poderia nos levar por um caminho aporético, se considerássemos como referente principal para a sua solução apenas os dois casos paradigmáticos aqui apresentados. Sob esta perspectiva, a relevância do coletivo sobre o pessoal, especialmente no caso de *E agora, José?*, pode ser encarada tanto como um rompimento em relação ao modelo essencialmente intimista, quanto como um retorno (que retoma uma continuidade) quando comparada ao modelo agostiniano. Por outro lado, a primazia da individualidade também observada na obra de Cardoso Pires, especialmente no que diz respeito a *De Profundis, valsa lenta*, poderia nos levar novamente a conclusões aporéticas e improdutivas.

A categorização e o enquadramento da obra e do autor em limites aprisionantes da reflexão não é o que almeja fazer este estudo. A dialética entre transgressão e permanência na escrita autobiográfica é motivadora para questionamentos mais profundos na medida em que não precisamos escolher um lado, mas podemos nos situar entre as duas esferas, em um lugar em que os dois pontos se inter-relacionam, interagem e dialogam, que é o lugar da escrita autobiográfica de José Cardoso Pires.

Apenas permitindo que a autobiografia seja identificada com os seus temas – o eu, sua vida, sua escrita – vai se permitir diversidade neste gênero dedicado à individualidade. Apenas uma abordagem descritiva, não-prescritiva ao gênero permitirá tradição (a primeira pessoa retrospectiva, longe da ficção, necessariamente narrativa autobiográfica) – e transgressão.⁴³

Retomando a noção de identidade narrativa analisada anteriormente, observamos que a mutabilidade faz parte da própria coesão. Além disso, a identidade narrativa, na sua forma “universal” sobre as experiências tipicamente humanas, não distingue ontologicamente o indivíduo da coletividade. Mesmo o discurso histórico, “do ponto de vista de Ricoeur, não é somente um relato literal do passado e a refiguração da

⁴³ “Only allowing autobiography to be identified by its themes – the self, its life, its writing – will allow diversity in this genre dedicated to individuality. Only a descriptive, nonprescriptive approach to the genre will allow tradition (the first-person retrospective, far-from-fictive, necessarily narrative autobiography) – and transgression.” (DE MIJOLLA, E., *Autobiographical Quests: Augustine, Montaigne, Rousseau, and Wordsworth*, p. 6)

temporalidade, mas, além disso, é uma representação literal do conteúdo de um drama fora do tempo, o da humanidade enfrentando a “experiência da temporalidade”⁴⁴.

Neste sentido, independente da linha em que se insere a autobiografia de Cardoso Pires, o que será destacado é a mimesis (ii), ou seja, o modo como a memória resgata a experiência e a transforma, uma vez que “uma experiência, mais do que avaliada, deve ser criativa, potencial e mutavelmente constituída na memória”⁴⁵.

Agora até os críticos abrem o gênero para formas de grupos variadas (poesia, ficção, drama), grupos variados (homens brancos estabelecidos e minorias) e variadas (na verdade todas) literaturas nacionais [...] ainda assim o desejo por estruturas modelos, figuras, mitos e arquétipos autobiográficos governa os estudos autobiográficos.⁴⁶

No entanto, por mais que assumamos, juntamente com De Mijolla, a diversidade própria da autobiografia, não podemos deixar de investigar a importância dos estudos que procuraram não só definir e, conseqüentemente, delimitar este tipo de escrita, mas, sobretudo, impulsionar as pesquisas na área, possibilitando o debate e uma maior reflexão.

2.6 Valor

Vinte e cinco anos após a publicação de *Le Pacte Autobiographique*, importante livro que impulsiona os estudos sobre a autobiografia, Philippe Lejeune, ao revisar seus escritos anteriores sobre o tema⁴⁷, responde à seguinte pergunta: “Porque escrevi este livro? Para saciar uma paixão, e preencher uma lacuna”⁴⁸. A declaração de Lejeune é

⁴⁴ “In Ricoeur’s view, [...] is not only a literal account of the past and a refiguration of temporality but, beyond that, a literal representation of the content of a timeless drama, that of humanity at grips with the ‘experience of temporality’.” (WHITE, H., *The Content of the Form. Narrative discourse and Historical representation*, p. 183)

⁴⁵ “an experience, more than evaluated, must be held creatively, potentially changeably, in memory” (DE MIJOLLA, E., *Autobiographical Quests: Augustine, Montaigne, Rousseau, and Wordsworth*, p. 12)

⁴⁶ “Yet even critics open the genre to varying groups forms (poetry, fiction, drama) and varying groups (established white males and arriving minorities) and varying (indeed all) national literatures [...] even so the desire for autobiographical structures, patterns, figures, myths, archetypes rules autobiography studies” (DE MIJOLLA, E., op. cit., p. 158)

⁴⁷ O livro foi publicado primeiramente em 1975.

⁴⁸ “Pourquoi ai-je écrit ce livre [*L’Autobiographie en France*]? Pour assouvir une passion, et combler une lacune” (LEJEUNE, P., “Le Pacte Autobiographique, 25 ans après”. In: PALAVRA, 10, p. 12).

bastante esclarecedora não só em relação à sua biografia intelectual, mas também em relação ao mérito que deve ser atribuído à sua tentativa de caracterização da autobiografia em uma época na qual a crítica literária francesa destinava pouco espaço ao assunto.

Assumindo a autobiografia como um gênero literário, Lejeune procura demonstrar, em meio a multiplicidade de formas que podem constituir este tipo de escrita, a sua principal característica, que seria o “contrato de leitura”⁴⁹. Nas palavras do autor :

Em *O pacto autobiográfico*, eu mostro que este gênero se define menos pelos elementos formais que o integram, do que pelo “contrato de leitura”, e que uma poética histórica deveria portanto estudar a evolução do sistema dos contratos de leitura e de sua função integrante.⁵⁰

Assim, Lejeune assume, ao revisar seus escritos, que o seu livro responde a duas necessidades da época: a de uma definição e a de um método acerca da autobiografia. Por isso, ele enfatiza o fato de não ter sido o “criador” do pacto autobiográfico, mas somente quem o batizou e analisou.

Uma das principais contribuições da obra de Lejeune, além do contrato de leitura, é o estabelecimento de uma definição para a autobiografia. Segundo ele, “ a definição da autobiografia seria:

DEFINIÇÃO: *Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando ela põe a ênfase na sua vida individual, em particular na história da sua personalidade* ”.^{51 52}

⁴⁹ Destaco que a teoria de Lejeune sobre o “contrato de leitura” não será objeto de análise desta dissertação.

⁵⁰ “Dans « Le pacte autobiographique », je montre que ce genre se définit moins par les éléments formels qu’il intègre, que par le « contrat de lecture », et qu’une poétique historique se devrait donc d’étudier l’évolution du système des contrats de lecture et de leur fonction intégrante.” (LEJEUNE, P., *Le Pacte Autobiographique*, p. 8)

⁵¹ “La définition de l’autobiographie serait:

DÉFINITION: *Récit rétrospectif en prose qu’une personne réelle fait de sa propre existence, lorsqu’elle met l’accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l’histoire de sa personnalité*”. (LEJEUNE, P., *Le Pacte Autobiographique*, p. 14). A formatação é do autor.

⁵² Uma vez que já analisamos o problema teórico concernente à literatura de teor autobiográfico anterior a Rousseau, é importante destacar que Lejeune explicita que a sua definição não pretende cobrir a literatura pessoal anterior ao ano de 1770, mas somente as produções europeias dos dois séculos posteriores a esta data.

Na definição estabelecida por Lejeune gostaria de destacar alguns conceitos já abordados neste capítulo que agora serão aplicados especialmente em relação à autobiografia, a saber, narrativa, pessoa real e existência.

O primeiro elemento que, após uma introdução à obra de Ricoeur, chama a nossa atenção é a conceituação de autobiografia como uma narrativa (*récit*). É importante destacar que, por mais que essa determinação pareça inicialmente óbvia e simples, vimos com Ricoeur o quanto tal caracterização constitui um elemento de extrema importância para qualquer investigação sobre o discurso. Lejeune adota tal definição por considerar que a palavra narrativa indique algo indeterminado, que não esteja necessariamente atrelado à noção de ficção (como oposição ao real) que comumente caracteriza o romance. Segundo o autor, “*romance*, na terminologia atual, implica em pacto romanesco, portanto a *narrativa* é indeterminada e compatível com um pacto autobiográfico”⁵³. Por mais que saibamos que Lejeune tenha adotado tal caracterização principalmente como um modo de oposição ao que era comumente considerado e caracterizado como romance, é intrigante o fato de ter aplicado à narrativa a adjetivação de “indeterminada”. Lembrando a tentativa de Ricoeur de reunir sob a narrativa os discursos da história e da ficção, a indeterminação da narrativa por parte de Lejeune parece se relacionar bem com a idéia de Ricoeur de que é possível abrigar sob a narrativa todas as formas de contar histórias e histórias humanas.

Tal aspecto humano da história e das histórias é também evidenciado por Lejeune. Ao ressaltar que a autobiografia é uma narrativa retrospectiva sobre a própria existência, o autor deposita sobre a experiência a centralidade da narrativa. Neste ponto, a autobiografia de Lejeune mais uma vez toca em um aspecto central da teoria que viria a ser sistematizada e universalizada por Ricoeur. Além disso, ainda sobre o objeto da narrativa, é importante destacar que, ao longo da obra, Lejeune procura demarcar o espaço da “veracidade” da autobiografia que seria um espaço entre o romance e a “ciência”, uma vez que traz um “pacto referencial” que não busca um “efeito” de real, mas uma “imagem de real”. Realizando mais uma aproximação entre a definição de autobiografia de Lejeune e a teoria de Ricoeur, é possível notar uma grande semelhança entre esta “imagem de real” e o “como se” evidenciado anteriormente a respeito da ficcionalização da história.

⁵³ “*Roman*, dans la terminologie actuelle, implique pacte romanesque, alors que *récit* est, lui, indéterminé et compatible avec un pacte autobiographique.” (LEJEUNE, P., *Le Pacte Autobiographique*, p. 27)

Por último, destaco, na definição apresentada, a noção de “pessoa real”. A idéia de pessoa real, aliada aos conhecimentos adquiridos com Ricoeur, parece poder ser entendida como um modo de fortalecer o caráter humano da narrativa. Para além da individualidade que ela ressalta (já que Lejeune define apenas a autobiografia após Rousseau), podemos evidenciar nela também o homem histórico que fala sobre si e, como conseqüência, faz, implícita ou explicitamente, o relato de uma época ou de um momento histórico. Neste sentido, na tentativa de incluir o tipo de escrita agostiniana nessa conceituação, poderíamos tentar estender a abrangência da definição retirando o adjetivo “própria” que antecede a palavra “existência”. Assim, teríamos na autobiografia “uma narrativa que uma pessoa real faz da existência, com uma ênfase na sua vida individual”.

Vimos, deste modo, através de uma importante definição de autobiografia, como esta se encontra incorporada à discussão literária analisada em Ricoeur. Observamos também que o próprio Ricoeur demarca explicitamente a compatibilidade entre sua teoria e a autobiografia em uma nota no segundo volume de sua obra, que trata especificamente da relação entre tempo e narrativa na ficção e nas teorias da literatura. Sendo assim, antes de passarmos à análise do corpus autobiográfico selecionado, considero importante trazer a lume os comentários de um outro teórico da literatura que se deteve sobre a autobiografia, porém apresentando uma crítica aos esforços de Lejeune.

Logo no início do capítulo “*Autobiography As De-Facement*”, que é parte do livro *The Rhetoric of Romanticism*, Paul de Man faz uma crítica não só à elevação do status da autobiografia como gênero literário, mas, principalmente, ao modo como a autobiografia respondeu a essa elevação de gênero, ou seja, sugerindo serem as produções literárias de caráter autobiográfico indignas de tal *status* por apresentarem uma concepção estética pobre. Diz ele:

[...] isso não ocorre sem um certo embaraço, já que comparada à tragédia, ao épico ou à poesia lírica, a autobiografia sempre parece um pouco vergonhosa e comodista, de um modo que pode ser sintomático da sua incompatibilidade com a dignidade monumental dos valores estéticos.⁵⁴

⁵⁴ “[...] this does not go without some embarrassment, since compared to tragedy, or epic, or lyric poetry, autobiography always looks slightly disreputable and self-indulgent in a way that may be symptomatic of its incompatibility with the monumental dignity of aesthetic values.” (DE MAN, P., “Autobiography as De-Facement”. In: *The Rhetoric of Romanticism*, p. 68)

Acreditamos que as noções apresentadas a respeito da narrativa, da relação entre história e ficção, da identidade narrativa e, especialmente, da nova relação mimética entre real e imaginado, possam se mostrar suficientes para realizar uma argumentação contra De Man. A partir do que foi brevemente apresentado neste capítulo, podemos perceber que a autobiografia pode ser encarada como um tipo de escrita que se apresenta repleta de valores estéticos e teóricos compatíveis aos ressaltados nas investigações acerca de outros gêneros. Além disso, podemos notar que a autobiografia se mostra como um espaço onde a proposta de Ricoeur pode ser examinada na prática, uma vez que este é o lugar no qual o encontro entre o subjetivo e o objetivo se faz no tempo narrado.

Tanto empírica quanto teoricamente, a autobiografia se presta pobremente à definição genérica; cada exemplo parece ser uma exceção à norma; as obras sempre parecem sumir em meio a gêneros vizinhos ou até incompatíveis e, talvez, o mais revelador de tudo, discussões genéricas, as quais podem ter um valor heurístico tão poderoso no caso da tragédia ou do romance, permanecem aflitivamente estéreis quando a autobiografia está em jogo.⁵⁵

Contrariamente ao que afirma De Man ao criticar a obra de Lejeune, acreditamos que a autobiografia possa ser um objeto de estudo teórico profícuo, uma vez que consideramos a diversidade deste campo como um valor e não um problema.

A crítica de De Man ao pacto biográfico, no entanto, pode ser positiva se, como fez Leonor Arfuch, a partir dela pensarmos em um espaço que, ao mesmo tempo, possa congrega a autobiografia e as novas formas de escrita sobre si que se multiplicaram na pós-modernidade. Segundo Arfuch, “la somera definición de Lejeune de un *espacio biográfico* como reservorio de las formas diversas en que las vidas humanas se narran y circulan, si bien sugerente, no alcanza a delinear un campo conceptual”⁵⁶. Ciente da impossibilidade teórica de determinar a autobiografia como um gênero pela imensa diversidade que esse campo pode apresentar, Arfuch opta por incluir a autobiografia em um “espaço biográfico” que não constitui uma espécie de macro-gênero, mas apresenta-

⁵⁵ “Empirically as well as theoretically, autobiography lends itself poorly to generic definition; each specific instance seems to be an exception to the norm; the works themselves always seem to shade off into neighboring or even incompatible genres and, perhaps most revealing of all, generic discussions, which can have such powerful heuristic value in the case of tragedy or of the novel, remain distressingly sterile when autobiography is at stake.” (DE MAN, P., “Autobiography as De-Facement”. In: *The Rhetoric of Romanticism*, p. 68)

⁵⁶ ARFUCH, L., *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*, p. 49.

se “como un escenario móvil de manifestación – y de irrupción – de motivos, quizá inesperados”⁵⁷.

O espaço biográfico é visto então

como coexistencia intertextual de diversos géneros discursivos en torno de posiciones de sujeto autenticadas por una existencia “real”, la idea de *espacio*, como configuración mayor que el *género*, permite una lectura analítica transversal, atenta a las modulaciones de una trama significativa que tiene un papel cada vez más preponderantemente en la construcción de la subjetividad contemporánea. Pero además, esa visión articuladora hace posible apreciar no solamente la eficacia simbólica de la producción/reproducción de los cánones sino también sus desvíos e infracciones, la novedad, lo “fuera de género”.⁵⁸

Segundo Arfuch, iremos analisar dois escritos de José Cardoso Pires de teor autobiográfico sem nos limitarmos a possíveis restrições de gênero, mas observando neles os “desvios, infrações e novidade” que implicam na magnitude dessas obras literárias. Este “espaço” aberto para a autobiografia relacionar-se com outros modos de escrita individual (e geral) será fundamental para enriquecer a análise sobre *E agora, José?* e *De Profundis, valsa lenta*, uma vez que, como já salientamos, trata-se de narrativas sobre o individual e o comum que não se restringem a nenhuma classificação de gêneros limitadora. A flutuação entre modelos de literatura canônicos é uma das maiores qualidades da obra de José Cardoso Pires. Tal fato não poderia ser diferente simplesmente por se tratar de uma escrita autobiográfica. Ainda a fim de ir de encontro às afirmações de De Man, no que diz respeito à “pobreza” da produção literária nesse gênero, observaremos exemplos de “magnitude” nas obras trazidas para análise, nas quais a expressão autobiográfica parece atingir um novo patamar.

⁵⁷ ARFUCH, L., *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*, p. 60.

⁵⁸ ARFUCH, L., “La vida como narración”. In: PALAVRA, 10, p. 55. Este artigo é o resumo de um dos capítulos do livro da autora citado anteriormente.